

Psicopedagogia, Família e Processo de Aprendizagem

Suelen da Silva Sampaio ¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma avaliação do trabalho psicopedagógico e investigar de que forma a relação terapêutica atua na aprendizagem da criança e familiar. Como referenciais teóricos foram utilizados estudos que abordam as seguintes temáticas: intervenção psicopedagógica, processo de aprendizagem, família e escola. A metodologia se dá a partir da Pesquisa bibliográfica, Entrevista familiar exploratória situacional (E.F.E.S) e um Estudo de Caso. A pesquisa bibliográfica possibilitou caminhos para uma escrita fundamentada e elucidativa. A entrevista permitiu reconhecer o modo de construção de aprendizagem familiar e avaliar a influencia da psicopedagogia na composição dessas relações. E o estudo de caso considerou como as relações familiares intervêm no processo terapêutico e de aprendizagem, bem como é construída a relação da tríade Psicopedagogia-Cliente-Família. Este trabalho possibilitou ampliar o sentido da relação psicopedagógica e a influência da psicopedagogia no processo de aprendizagem da criança e da família, verificando os possíveis fatores afetivos envolvidos no processo terapêutico psicopedagógico, que, por vezes, se apresentam através sentimentos e emoções, e não só por parte dos clientes, mas também, dos pais, cuidadores, professores, coordenadores e psicopedagogas, o que torna efetivo ao psicopedagogo o papel de apoiador dessas relações perante a aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação, Psicopedagogia, Aprendizagem, Família, Relação.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Paulo Freire)

INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir tem por objetivo avaliar o trabalho psicopedagógico e verificar de que forma a relação terapêutica atua na aprendizagem da criança e da família. Investigar de que forma a psicopedagogia influencia na construção da dinâmica familiar, verificar quais sentimentos emergem deste processo afetivo e como atuam na aprendizagem. Em que medida o espaço² clínico psicopedagógico intervém na construção da dinâmica familiar e no processo de aprendizagem? Nisso está à relevância do pensar sobre a construção da dinâmica familiar,

¹ Graduada pelo Curso de Psicologia e Pós-graduanda em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, suelen.ss.psi@gmail.com;

² Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-graduação como requisito parcial das exigências do curso para obtenção do título de especialista em Psicopedagogia: “O Espaço Clínico Psicopedagógico, a Família e o Processo de Aprendizagem: Diálogos Possíveis”. Por Suelen da Silva Sampaio. Sob orientação de Marlene Dias Pereira Pinto.

verificar quais sentimentos emergem deste processo afetivo e de que forma são atuantes na aprendizagem da criança. Para sustentar essa temática foram utilizados alguns teóricos, tais como: Weiss (2016), Silva (2010), Fernandez (1990), Bastos (2015), Braga (2007) e outros por considerar materiais atemporais e de extrema importância para a prática do psicopedagogo.

Serão usados estudos que abordam as seguintes temáticas: afetividade, família, intervenção psicopedagógica e processo de aprendizagem. Entende-se também como fator de aprendizagem a construção das diferentes formas de criação de vínculos no ambiente familiar por meio do atendimento clínico e das trocas constituintes destes. Portanto, é interessante pensar como essa construção reflete em áreas prioritárias, tal como da aprendizagem seja ela escolar, familiar e/ou social.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada será a Pesquisa Bibliográfica, Entrevista familiar exploratória situacional (E.F.E.S) e um Estudo de Caso denominado *Curió*, 10 anos, 4º ano do Ensino Fundamental, com a queixa relacionada à aprendizagem. A fim de conhecer o modo de construção de aprendizagem da família, considerar que as relações familiares intervêm no processo psicopedagógico e entender como a psicopedagogia auxilia na composição dessas relações e estimula o diálogo intrafamiliar. A entrevista com os familiares/cuidadores da criança é para fins de acompanhamento psicopedagógico.

DESENVOLVIMENTO

A Relação Terapêutica e a Psicopedagogia: perceber-se no papel de psicopedagogo é também entender que:

Falamos do lugar analítico, lugar de testemunha e de atitude clínica, da atitude do que escuta e traduz promovendo um discurso mítico e não real. Lugar e atitude necessários a todo terapeuta, que o psicopedagogo deverá assumir. Porém, por sua vez, lhe é necessário incorporar aspectos que o ajudem a dar conta dos nós, entaves e maus ligamentos entre a inteligência e o desejo. (Fernandez, 1990, pág. 128).

A criança chega estigmatizada e estando diante de uma pessoa estranha as emoções tendem a aflorar de forma menos positiva. Quando diferente do que foi exposto acima, uma criança que costuma ter seus medos acolhidos em casa, ela chega de forma espontânea, curiosa e por vezes bem comunicativa. O espaço e a escuta com os quais recebemos essa

criança necessita de acolhimento, com características e informações que a permitem ficar a vontade para que esse processo terapêutico se inicie e a construção de vínculo entre psicopedagoga e cliente seja estabelecida.

No espaço psicopedagógico são utilizadas técnicas, como jogos e atividades lúdicas, que nos aproxima do campo experiencial da criança e nos permite fazer o uso de recursos que a própria criança já utiliza em seu dia a dia, como a imaginação, o faz-de-conta, facilitando esse vínculo que também “[...] se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta.” (Winnicott *in* Weiss, 2016, pag. 77), relação essa importantíssima para se manter certo grau de confiança mútua.

Pensar no fazer psicopedagógico pode ou não aproximar essa criança, esse adolescente ou até mesmo o adulto, nesta pesquisa em especial no atendimento infantil “antes de precisar o tipo de olhar, quero situar o lugar de onde olhar; somente do espaço transicional, de jogo, confiança e criatividade, poderá gestar-se o olhar psicopedagógico clínico” (Fernandez, 1990, pág. 125) e com isso estabelecer uma relação terapêutica psicopedagógica que possibilitará que o processo de aprendizagem seja menos penoso, facilitando sua entrega às atividades propostas, o fortalecimento de sua autoestima e conseqüentemente o seu melhor entendimento quanto ao que apresenta como dificuldade, porém, não mais de forma negativa, mas sim de forma criativa, afinal, uma boa “jogada” só acontece quando se arremata “a visão com a emoção ou o sentimento correspondente” (Fernandez, 1990, pág. 125). No fazer clínico psicopedagógico é necessário além da criança, a participação da família para que o encontro terapêutico se estabeleça.

À medida que os pais se disponibilizam afetivamente e constroem vínculos a partir de uma relação de confiança, eles oportunizam “[...] que a criança construa uma matriz de aprendizagens posteriores” (Dias, 1997, pág. 9), ou seja, esses primeiros ensinamentos serão primordiais para a aprendizagem em longo prazo, além dos “[...] laços familiares – serem – essenciais para a estruturação psíquica desde os primeiros momentos de vida” (Salvari & Dias, 2006, pág. 252). Para que haja uma boa relação com a Família “não podemos esquecer que o psicopedagogo é um sujeito vinculado a uma família e transversalizado pela cultura e pela educação, das quais carrega marcas profundas” (Dias, 1997, pág. 11), por isso é imprescindível constituir um diálogo respeitoso, claro e objetivo, construindo um campo favorável para esses encontros, estabelecer as tomadas de responsabilidades, formando uma rede de apoio.

Portanto, o papel do psicopedagogo nesse contexto é necessário não somente para “[...] compreender como o grupo familiar está estruturado...” – mas, também de garantir que

os familiares aprendam a – “[...] aceitar o paciente como ele é, respeitar seu ritmo, seu sintoma, oportunizando que seja reconhecido pelo que é e não por aquilo que esperam dele” (Dias, 1997, pág. 11).

A rede formada pela tríade psicopedagoga, cliente e família só é possível quando é tecida de confiança, disponibilidade afetiva e autorização mútua, e isso começa pelo começo, na procura pelo serviço (pais e cuidadores), no contato telefônico (psicopedagoga e responsáveis/cliente – quando adulto), na empatia (cliente e psicopedagoga) e em tudo que motiva e resulta nos encontros (tríade).

Através de um outro olhar, o olhar de um terceiro, neste caso do psicopedagogo, ou de um novo olhar dos pais, - que - o sujeito poderá perceber-se como um ser individual, com uma história, um corpo e desejos próprios, assumindo-se como sujeito aprendente (considerado como aquele que deseja conhecer e é capaz de construir sua própria modalidade de aprendizagem) [...]. (Dias, 1997, pág. 9).

Durante as etapas do diagnóstico psicopedagógico, é importante ressaltar que a participação desta é necessária para que se consiga o bom andamento das etapas e conseqüentemente do resultado (devolução) fundamentado e bem estruturado de acordo com as observações e atividades realizadas. É indispensável seriedade e assiduidade para que seja realizado um trabalho de qualidade, mesmo que o/a cliente não dê continuidade ao tratamento, ou que já entre em uma nova etapa, mas que só aconteça por meio do diagnóstico psicopedagógico.

Partindo para o diagnóstico psicopedagógico, este que deve ter como principal objetivo “abrir um espaço onde o paciente possa falar e ser escutado, para que possa entender-se e organizar-se a partir da escuta do outro. Um espaço [...] para que se fale sobre o que precisa ser reconhecido como importante” (Dias, 1997, pág. 10), e não somente durante as etapas do diagnóstico, aqui também necessita do apoio e da implicação dos pais e/ou cuidadores, para que se obtenham resultados positivos.

No processo de aprender também é indispensável conhecer o não-aprender, pois é o não-aprender que irá se apresentar nos diferentes sintomas indicando que algo não vai bem. Todo processo é complexo e o de aprendizagem é carregado de desafios que suscita em realizações, mas também frustrações. Entender como o processo de aprendizagem se dá para cada pessoa é um importante passo, pois, vai direcionar o psicopedagogo em como proceder, o que sabemos também como seres aprendentes é que aquilo que nos motiva nos incentiva a melhorar e querer conhecer, certo? Costumamos guardar com afeto as lembranças daquelas

peças que nos ensinaram com carinho e cuidado, e quando ocorre o contrário também. Ou, podemos dizer que:

O objetivo do trabalho psicopedagógico dirige-se a ajudar a recuperar o prazer perdido de aprender e a autonomia do exercício da inteligência, esta conquista vem de mãos dadas com o recuperar o prazer de jogar. Para jogar, necessita-se de um outro, e um espaço de confiança. (Fernandez, 1990, pág. 167).

O lúdico seja através do criar, do brincar, do jogar é uma peça essencial no processo de aprendizagem, pois ele vai servir de conector do psicopedagogo para o sujeito e do sujeito para o desejo de aprender. É a partir do ensaio e erro que aprendemos a trabalhar os nossos potenciais e nossa capacidade criadora, e os jogos nos proporcionam a dinâmica das tentativas, do contato com o objeto de aprendizagem e com o outro. Fernandez (1990) traz uma alusão ao jogo como processo, não sendo possível construir o saber sem jogar com o conhecimento, ou seja, a autora faz referência “a esse lugar e tempo que Winnicott chama espaço transicional, de confiança, de criatividade” (Fernandez, 1990, pág. 165). Durante o diagnóstico esbarramos com a *Hora do Jogo*, quando podemos “[...] observar a dinâmica da aprendizagem” (Fernandez, 1990, pág. 168) neste espaço transicional em que a criança nos mostra como jogar e suas habilidades, e a forma como acolhemos vai potencializar a confiança em si mesma e estimular a sua criatividade. Por esta razão alguns eixos do diagnóstico psicopedagógico devem ser considerados a partir de indagações, tais como:

O que significa aprender para esse sujeito e sua família? Qual é a função do “não aprender”? Como ele aprende? Como se dá a circulação do conhecimento na família? Como os pais se posicionam enquanto ensinantes? Qual é o papel da escola na construção do problema de aprendizagem apresentado? (Amaral, 2001, pág. 67)

Por meio destas indagações é possível pensar em como agir na prática psicopedagógica, precisamos estar abertos para as respostas e as não-respostas que vamos nos deparar sem nos limitarmos a um olhar direcionado somente para as dificuldades e problemas apresentados pelos clientes e por suas famílias e, por conseguinte, pelas escolas.

Uma família acessível colabora com a aprendizagem em seu nível básico e fundamental. A criança que se sente segura quando se percebe em ambiente acolhedor, em vez de focar em acertos ou erros, ela se aventura em aprender. Perceber que esse apoio pode ser acionado quando necessário, faz com que não somente o sentimento de segurança venha à tona, mas de autonomia, criando um círculo de confiança e cumplicidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A isso há que se somar a saúde emocional do psicopedagogo, sua capacidade de transitar entre as complexas relações familiares, muitas vezes em famílias em processo de reorganização, e identificar as possíveis saídas. (Weiss, 2016, pag. 11).

1. Instrumentos de Avaliação - EFES (Entrevista Familiar Exploratória Situacional) -

Esteve presente Canário, a mãe (L.), o pai (J.) e o irmão mais velho (N.).

2. Questão da escola

A família procurou o atendimento de Psicopedagogia por encaminhamento da escola - **Queixa:** Dificuldade de Atenção e Dispersão, a mãe traz um relatório de fim de bimestre elaborado pela escola o que ratifica sua queixa. A atitude de Canário quanto ao conhecimento ele reproduz o que a mãe fala e apresenta ansiedade e receio de errar.

3. Dados importantes

Perguntei a Canário se ele sabia por que estava ali, e ele reproduz a fala da mãe, dizendo que precisa de ajuda por não prestar atenção nas coisas da escola, ou seja, “[...] o que é percebido pelo próprio indivíduo ou pelos outros é chamado de *sintoma... e o sintoma é, portanto, o que emerge da personalidade em interação com o sistema social em que está inserido o sujeito*” (Weiss, 2016, pag. 31). Por exemplo, os responsáveis e o cliente chegaram antes do previsto, esclareci a importância de manter a rotina já estabelecida de Canário, respeitando os horários da escola e das demais atividades. E eles concordaram. Todos falaram e com maior frequência a mãe. Canário e o pai se colocaram de forma espontânea e o irmão se manteve mais reservado, mesmo quando indagado a participar.

Segundo os pais, Canário tem contato com alguns familiares, alguns tios e tias moram próximo, mas sem muito vínculo. Costuma brincar nos intervalos de suas tarefas, assistir TV e celular, com regras, e aos fins de semana com os dois primos que moram próximo de sua casa. A mãe não hesita em cobrar e se diz bem exigente, isso ficou nítido quando em vários momentos ela cobrava Canário de se sentar direito, arrumava sua roupa, ordenava que ele nos respondesse, quando por vezes ele já havia respondido, mas da forma dele. Tivemos que intervir em alguns momentos reforçando que Canário podia falar e que se sentisse a vontade de trazer o que ele achasse importante. Apesar da exigência da mãe, ela se coloca aberta para tentar ajudar o seu filho e diz não querer que o filho sofra o que ela já sofreu. Devemos buscar entender que “muitas vezes, pais desesperados procuram auxílio para resolverem o problema

de seu filho que não consegue aprender sem nem suspeitar que o problema está neles mesmos por não quererem ou não conseguirem deixar seu “filhote voar” (Ribeiro, 2016, pág. 36).

Indaguei sobre como os pais eram quando criança e a mãe diz que Canário é todo ela (agitado, inquieto e disperso) e o filho mais velho é todo o pai (tranquilo, calmo e concentrado), e pensa que as diferenças entre eles é o que faz Canário (agitado) ser mais agarrado ao pai (calmo), e o filho mais velho (calmo) a ela (agitada). Em alguns momentos ela entra em conflito com o Canário, pois fica agoniada, já o pai tenta acalmá-lo e entende que se ele ficar nervoso aumentará as suas dificuldades e atrapalhará em seu desenvolvimento. E que o pai por sua vez, entra em desacordo com o filho mais velho, por achá-lo muito “parado”, “na dele”.

Mostraram ter boa relação, os pais entram em acordo quanto as decisões comuns a família, entre os pais e filhos e irmãos, com alguns contratempos, mas de modo geral, apresentaram intimidade, diálogo e afeto. Canário exibe uma fala arrastada (também por ser tímido, segundo a mãe) e fica receoso quando precisa falar alto, alguns colegas da escola já riram dele por conta da voz, o que o deixa com mais reservas quando precisa se expressar. Ele já passou por psicóloga, por 01 ano aproximadamente com a queixa de timidez e apatia, e por 02 fonoaudiólogas, mas, não se adaptou com a última e saiu, com a primeira teve avanços.

Tem feito os deveres sozinho por sugestão da professora. Canário neste momento interrompe e diz que às vezes a professora grita demais e que o deixa confuso. Daí a importância da relação professor-aluno, porque “[...] a partir do momento em que essa relação, esse vínculo afetivo, não se constitui de uma forma saudável” gera-se consequências negativas “[...] na construção das dificuldades de aprendizagem” (Salvari & Dias, 2006, pág. 257), visto que ele gosta de português, educação física e matemática (porém, vem baixando as notas). Canário faz natação e basquete, e tem ficado menos agitado e se concentrado mais ao realizar suas tarefas.

Canário é uma criança introvertida, cooperativa e apresenta timidez em diferentes situações. É o filho mais novo, nasceu de parto normal e com boas condições de saúde. Na anamnese, segundo a mãe ele sempre foi muito dependente dos pais, mas teve seu desenvolvimento de acordo com as fases de maturação. Seus pais se mostram cuidadosos, incentivadores e preocupados com o futuro dos filhos. Receiam por Canário passar por alguns episódios constrangedores por parte dos colegas de escola por conta da sua fala e da troca de fonemas e se colocam em busca de meios que melhor possam desenvolvê-lo.

Estudo de Caso³: Curió. O caso apresentado tem por finalidade dividir experiências e práticas a partir do olhar psicopedagógico, a seguir “Recortes de casos, a partir de diferentes tarefas”.

Ao longo do Diagnóstico ele vem se mostrando atencioso, no primeiro contato introspectivo, porém curioso, e conforme o passar das sessões demonstrou-se mais solto e confortável. Quando colocado frente a uma atividade que remete ao que ele vive na escola, por exemplo, a leitura, Canário se revela ansioso, sem paciência e sem concentração. O contrário ocorre quando é uma atividade lúdica, ainda que tenha leitura e escrita ele apresenta atenção, agilidade e criatividade. A queixa é revelada apenas em situações que lhe geram medo de errar, sentimento de impotência e constrangimento devido a sua voz e troca de fonemas, como bem avaliado na etapa de desempenho pedagógico.

Estuda na mesma escola desde a educação infantil, onde o seu irmão mais velho também estudou, os pais dizem gostar mais do ensino na época em que o filho mais velho estudava pelos conteúdos serem menos repetitivos. Na visita escolar foi possível verificar com a professora e com a coordenadora pedagógica que a dificuldade na fala se mantém, que a leitura é lenta, que Canário fala pra dentro e baixo, e que apresenta erro na escrita de acordo com a fala. Ele possui dificuldade de se expressar oralmente, não consegue guardar informações que necessitam serem passadas de modo verbal, por exemplo, um recado.

A importância do papel do olhar e da escuta será ressaltada na intervenção integrada (paciente, família e escola), uma vez que o olhar muitas vezes apresenta-se “cristalizado”, pouco flexível podendo ampliar-se, transformar-se ao longo do processo, passando a ser um instrumento imprescindível para a evolução do paciente, da própria família e da escola. (Bastos, 2015, pág. 16).

No ano passado Canário também estudou com a mesma professora e ela revela a impressão de que ele chegava desorientado, disperso, como se tivesse acordado naquele momento, foi conversado com a família e isso melhorou este ano. A escola solicitou rotina e leitura, o que tem sido cumprido, além de chegar com menos atrasos e ter menos faltas, o que também se estende ao comparecimento para o diagnóstico. Os pais são presentes e participam das reuniões e o que mais for necessário para a melhoria do filho.

Canário, em termos de desempenho vem apresentando bom rendimento nas disciplinas, ele obteve melhoria das notas, demonstrou ótimo desempenho em matemática, além de ser ágil, ter bom raciocínio lógico e boa memória. Possui erros ortográficos, acredito

³ Todos os nomes utilizados são fictícios.

que oriundos de sua dificuldade na fala, no entanto, é criativo quando lhe é solicitado uma escrita livre, é detalhista em seus desenhos.

Em português traz dificuldades em interpretar, porém, quando é para dizer com suas palavras ele explora bem o seu campo imaginário. Quanto à leitura, é algo tedioso e constrangedor para Canário, ele demonstra ansiedade, timidez e desconforto.

Canário construiu uma relação receosa com a leitura, que o faz paralisar diante desse obstáculo, contudo, tem desenvolvido outra relação com a leitura, apresentando iniciativas e demonstrando uma fluidez ao ler, o que consiste em um crescimento não só como leitor/estudante, mas, como pessoa, com mais autonomia e de forma crítica. Ele é uma criança tranquila, calma, reservada, muito tímida, também é cauteloso, curioso e inteligente ao defender o seu ponto de vista, como ocorreu durante a EFES, quando a mãe trouxe sobre ele dispersar e não prestar atenção no que a professora fala, e ele imediatamente a interrompe e diz que às vezes a professora grita demais, pois, quando a professora fala de forma menos enérgica.

Canário consegue entender e prestar mais atenção. Isso ocorre também com a mãe que é bem exigente com os filhos, ele presta mais atenção ao que o seu pai diz, por ser calmo e sentar para conversar com ele. Canário se revela ser uma criança sensível. Na EOCA (Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem) chegou meio desconfiado, olhou ao seu redor e logo sentou. Observou o que estava na mesa a sua frente, e iniciou desenhando uma personagem de desenho japonês “Goku” que costumava assistir com o pai. Canário se apropria do que produz, e como a “[...] produção do paciente... seja [ela] material diagnóstico (hora de brinquedo, testes, discurso dos pais, desenvolvimento de ações lúdicas, gráficas, discurso verbal)” ou “[...] ao acontecer do conjunto do tratamento, a como decifrar a mensagem do jogo, de uma atitude, de um silêncio, de um gesto” (Fernandez, 1990, pág. 125-126), revela as suas memórias afetivas.

Desenhou com agilidade, qualidade nos traços, cuidado ao pintar, e enquanto desenhava olhava tudo em volta, e retornava ao desenho, inquieto, se movimentava bastante com as pernas, aperta os lábios. E após terminar o desenho olhou para um jogo que estava no canto da sala e perguntou se podia jogar, respondi dizendo que em outro momento ele poderá, mas que neste dia gostaríamos de ver o que ele sabe fazer com os materiais da mesa, ele então, passou os olhos pelas folhas com pautas, e voltou para a folha do desenho, onde em seu verso começou a colocar cálculos, expressões matemáticas de forma veloz e tensa. E ao terminar, perguntei o que ele havia feito, e ele respondeu que fazia na escola e que tem feito em casa também, ele tinha acabado de ter recebido o resultado de que estava em recuperação

em matemática, umas das disciplinas que mais gosta e por pouquíssimo ponto, sentia-se desmotivado e desesperançoso.

Canário é quieto em sala de aula e por conta da dispersão foi colocado pela professora para sentar longe do seu melhor amigo, e como não é de conversar, costuma ficar na dele e sozinho. Durante os atendimentos ele se mostra de forma participativa, é bem objetivo, quando não deseja algo ele diz que não de forma objetiva, é curioso e adora um desafio, sempre que há algo que o motiva, ele faz as atividades de forma rápida e com qualidade. Foram usados jogos para motivá-lo e ele se saiu muito bem tanto nas atividades quanto nos jogos, ganhando de nós algumas vezes, e não facilitava para ele. Quando percebe que está perdendo ele se desconcentra e acaba perdendo, mas encara numa boa perder, mas adora ganhar, afinal quem não gosta?

As provas operatórias foram apresentadas em forma de atividades que faziam parte de uma gincana, onde seria avaliada sua competência desde tentar fazer até concluir e a qualidade como elas seriam realizadas por ele e que a recompensa seria uma sessão de jogos. E Canário se saiu muito bem em todas: Seriação de Bastonetes, Intersecção de classes, Quantificação da inclusão de classes, Prova de combinação de fichas duplas para pensamento formal sequências de 4 (quatro) botões e Permutações possíveis com um conjunto determinado de fichas (Para o pensamento formal) - Sequências de 6 (seis) botões, também com agilidade e qualidade. Interage muito bem conosco durante as atividades e os jogos.

O contato com os familiares é mais frequente aos fins de semana. Apesar de inibido socializa rápido com outras crianças. Os pais dizem que ele é divertido, e que Canário e o pai são os que mais zoam quando estão em família, como traz a mãe na Anamnese.

As sessões diagnósticas revelaram que Canário apresenta questões de ordem emocional e que precisam ser trabalhadas. Pertence a uma família unida e esforçada, contudo especialmente por parte da mãe deve haver um modo mais tranquilo e menos rígido de lidar com Canário, e assim em conjunto com o pai manter uma rotina menos saturada e mais motivadora para Canário, principalmente em relação aos estudos.

Também foi extremamente revelador a dificuldade na fala e conseqüentemente em sua escrita e compreensão do que se é falado, principalmente em situações de desconforto para Canário. A partir de todas as observações e atividades realizadas, é importante ressaltar que Canário necessita ter suas competências incentivadas, suas qualidades destacadas a fim de garantir uma melhor autoestima, confiabilidade e segurança.

Na escola é importante que se trabalhe de modo a incentivá-lo e dentro dos limites de Canário, pois o seu jeito reservado não deve ser encarado como empecilho para que ele se

desenvolva mais e mais. Que as avaliações constem questões que explorem sua criatividade, sua escrita livre e mais ilustrativa. Em provas de leitura, por exemplo, que ele possa treinar antes, para que se sinta confiante e seguro na hora de ser avaliado.

Foi sugerido que Canário passe por psicoterapia infantil, para trabalhar suas questões emocionais, ansiedade e timidez e Fonoaudiologia. E o tratamento psicopedagógico de Canário consiste em enfatizar a leitura e a escrita, de modo a serem enriquecidas. E na devolutiva os pais revelaram que Canário está mais independente e pela professora e coordenadora que ele evoluiu muito, está mais solto em sala de aula e até mais falante mesmo que com certa timidez, por conta da fala, melhorou as notas, tem se mostrado mais atencioso, e menos disperso. E Canário, nos representou como função de apoio a ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender em que medida a psicopedagogia intervém na construção da dinâmica familiar e no processo de aprendizagem, foi necessário percorrer para além deste espaço devemos considerar a tríade psicopedagogia-cliente-família como sistema básico é admiti-la como um sistema de microestrutura. A escola por sua vez se encontra transversal a essas relações porque representa o macro, o que não minimiza a importância desse sistema e que é, aliás, uma importante referência de afetos e trocas, principalmente na figura da professora que carece “[...] ser escutado, para que possa se libertar de um ideal de saber, possa deparar com a possibilidade do mal-entendido e construir uma autoria antes tida como impossível” (Bastos, 2015, pág. 61).

Através dos estudos analisados novos olhares foram se formando e dando luz aos temas aqui apresentados, dando tom a uma escrita amistosa e embasada. Os casos acompanhados permitiu entender sobre as construções de afetos das famílias apresentadas e a influência da psicopedagogia frente aos arranjos e a aprendizagem familiar. Também fez perceber que temos um papel indispensável junto às famílias no processo de aprendizagem, no estabelecimento de vínculos e criação do diálogo intrafamiliar.

Nesta medida, este trabalho possibilitou ampliar o sentido da relação psicopedagógica e avaliar a influência da psicopedagogia no processo de aprendizagem da criança e da família, verificando os possíveis fatores afetivos envolvidos no processo terapêutico psicopedagógico, que, por vezes, se apresentam através do medo, estresse, dos anseios, da frustração, vergonha, e em outras a partir da autoconfiança, motivação, esperança, interesse, segurança, entre outros, e não só por parte dos clientes, mas também, dos pais, cuidadores, professores, coordenadores e psicopedagogas, o que torna efetivo ao psicopedagogo a função de apoio.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Luiza Snoeck Neiva. **Os quatros pilares do atendimento psicopedagógico.** Revista Psicopedagogia 19/54 – 66-69 – abr/2001.

BASTOS, Alice Beatriz Barretto Iziq. **Psicopedagogia Clínica e Institucional: diagnóstico e intervenção.** São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BRAGA, Simone da Silva; SCOZ, Beatriz Judith Lima e MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi. **Problemas de aprendizagem e suas relações com a família.** *Rev. psicopedag.* [online]. 2007, vol.24, n.74, pp. 149-159. ISSN 0103-8486. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000200006.

DIAS, Rejane Ruduit. **A função do psicopedagogo como terceiro na relação familiar de aprendizagem.** Revista Psicopedagogia 16 (41) - 1997.

FERNANDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada: Abordagem Psicopedagógica Clínica da Criança e sua Família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

RIBEIRO, Simone Cristina Z. B. **O papel do psicopedagogo diante das famílias plurais e da pós-modernidade.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), 2016.

SALVARI, Lúcia de Fátima Carvalho e DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. **Os problemas de aprendizagem e o papel da família: uma análise a partir da clínica.** *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2006, vol.23, n.3, pp.251-259. ISSN 1982-0275. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2006000300004>.

SILVA, Maria Cecilia Almeida e. **Psicopedagogia: A busca de uma fundamentação teórica.** 2ª Ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2010.

WEISS, M. L. L. (1994). **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** Maria Lucia Lemme Weiss, 14a edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.